ALÉM DO EROTISMO: uma Leitura de “O Caderno Rosa de Lori Lamby”, de Hilda Hilst¹

Maricleide de Jesus Santos

Graduada em Letras pela Faculdade Sete de Setembro – FASETE
mari_mjs84@hotmailcom

RESUMO

Ao analisarmos a obra “*O caderno Rosa de Lori Lamby*” de Hilda Hilst, podemos observar a dificuldade que a mulher encontrava em transmitir para o papel seus desejos mais profundos. O preconceito sobre a mulher no que concerne à literatura era grande, principalmente em se tratando do contexto erótico, pois a sociedade tem o pensamento machista, e este pensamento perdura até hoje. Portanto este artigo se propõe observar a obra acima citada, tanto no que se refere ao erotismo quanto ao lado sócio-cultural.

Palavras-chave: Erotismo. Mulher. Literatura. Sociedade.

ABSTRACT

While analysing the work “*O caderno Rosa de Lori Lamby*” by Hilda Hilst, we can observe the difficulty what the woman was finding in transmitting for the paper his most obscure wishes. The prejudice on woman literary was big specially about erotic context, because the society has a male chauvinist thought, from the past to nowadays. Therefore this article aims to observe the Hilst’s work, in social and erotic perspectives.

Key-words: Erotims. Woman. Literature. Society.

INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo expor a dificuldade que as mulheres tinham para expressar-se. Através da literatura é que elas podiam viver seus amores proibidos, falarem dos seus sentimentos, falarem sobre o que lhe causavam excitação, mostrar que não é necessário que exista o homem para chegar ao prazer. Porém, enquanto muitas delas apresentavam pseudônimas, com medo da represália, outras usavam a literatura epistolar ou diários, pois ali podiam escrever tudo, a qualquer hora e em qualquer lugar.

Nessa perspectiva esse estudo observa a proposta literária de Hilda Hilst, tentando mostrar o que tem além do erotismo evidente que está na obra supracitada. Observar que *O Caderno rosa de Lori Lamby*, além do contexto erótico, procura mostrar o mundo escondido pela falsa moral social e a especulação editorial da época. Nesse intento vêm-se também algumas figuras femininas que se destacaram na literatura, e como a mulher chegou à literatura erótica.

1 MULHER E LITERATURA: o refúgio

Até certo ponto se pode dizer que, conforme a realidade de algumas mulheres, muitas encontram na literatura um refúgio, sendo aí que grande parte consegue “se dizer”, porque durante algum tempo esse foi um modo mais fácil que encontrou para se expressar.

Como antes, e ainda hoje, o espaço feminino é restrito, e na literatura isso também acontecia. A partir do final do século XIX as mulheres começam a escrever sua “autobiografia”. Uma das razões de escreverem dessa forma era o desejo de escreverem seus próprios sentimentos, ou de defender alguma causa própria. Porém no contexto atual Virgínia Woolf (2005) diz que a mulher começa a mostrar certas mudanças,

¹ Esse trabalho é parte da monografia de mesmo nome defendida pela autora em 2008.2, como requisito para conclusão do curso de Letras, na Faculdade Sete de Setembro- Paulo Afonso -BA

parecendo assim, que a elas começaram a deixar de pensar mais em si, para pensarem mais nas outras mulheres, pois agora o desejo de escrever sobre si, não é mais tão preciso, ela passa a explorar o mundo das mulheres em geral, e começam a escrever sobre as mulheres, assim como nunca tinham escrito antes.

Na literatura de escrita feminina como toda literatura são abordados vários temas, como, paixões arrebatadoras, erotismo, lirismo, drama. Esses são alguns dos assuntos que não podiam faltar no vasto universo feminino. Porém antes de a mulher entrar nesses universos, ela começa primeiramente a trabalhar com literatura epistolar (cartas), pois em algumas áreas da literatura, não lhes era permitido trabalhar. Abaixo fica claro esta linha de pensamento, através de Bella Josef em *O Feminino singular*: (1989, p. 36)

A mulher não podia exercer determinados trabalhos, inclusive certa área da literatura lhe era vedado. Talvez por isso se tenha dedicado a escrever cartas. A literatura epistolar foi extensa, porque a carta podia ser escrita em qualquer hora: era uma maneira de a mulher se comunicar, satisfazer esse desejo de comunicação, e podia se feito em horas tardias, quando ela podia roubar algum tempo para si, um tempo que ela queria dedicar ao marido, à casa, aos filhos.

Como as mulheres não podiam exercer nenhum trabalho que não fossem destinados a elas, até na literatura eram proibidas de abordarem certos assuntos, sendo assim, começam a escrever cartas, pois nestas, elas podiam escrever tudo o que realmente sentiam, elas aproveitavam a literatura epistolar por que ali, podiam escrever a qualquer hora, sem serem reprimidas. Segundo Bella Josef (1989, p. 46), outro gênero que a mulher também “aproveitava” para dizer-se era o diário, “pois neste, ela também assim como a literatura epistolar, podiam escrever a hora que quisessem, onde quisessem, e o que quisessem”. De acordo com Josef, em um texto intitulado *Um quarto para si própria* de Virgínia Woolf, a autora mostra a necessidade de a mulher ter o seu cantinho para refletir, trabalhar enfim, escrever, e foi daí que apareceram as poetisas líricas.

Segundo Cremilda de Araújo Medina (1989, p.38) um dos fatores mais visível pelo quais as mulheres conseguiram ingressar na literatura, foi o seu processo profissionalizante, o acesso à universidade, pois essa é o universo onde se adquire o saber e, sendo assim, “ela” acaba por participar do “poder”, por isso o acesso à universidade foi o primeiro passo fundamental para elas ingressarem no mundo das letras.

No Brasil as mulheres começam a entrar na faculdade basicamente na década de 60, aquele conceito de uma família patriarcal começa a se modificar, até internacionalmente, com os modelos norte-americanos e as alterações de valores da sociedade nos 60. Isto foi um fator muito importante que relaciona a família com a democracia. Conforme o poder patriarcal vai se democratizando a partir dos anos 60, a família também é atingida por esse processo. Iniciou-se então a libertação sexual, a pílula anticoncepcional aparece, ocorre então à revolução no comportamento feminino com a introdução da pílula, em torno de tudo isso começa a politização feminina.

Com a emancipação feminina na segunda metade do século XX, houve uma transformação na literatura brasileira. Com escrita das mulheres na literatura, elas ainda querem cometer uma violação nos tabus, transgredir, ir além do permitido, pois este ainda é um território de busca, violando os tipos de gêneros, e assim inventam modos diferentes de narrar.

A busca de um novo conhecimento do mundo entra na literatura. E na literatura feminina essa busca tem início mesclada com a busca de si mesma. Na esteira do pensamento fenomenológico, que está na base do existencialismo, busca-se, para além das formas consagradas e já estereotipadas, uma nova maneira de ver, de saber, de viver, de fazer. Tem início a verdadeira ruptura com as estruturas tradicionais. (COELHO, 1989, p. 7).

A literatura deu início a um novo olhar, principalmente com a entrada da mulher, no início do século XX, assim como em outras formas de artes isso se vê já no fim do séc. XIX a exemplo de Chiquinha Gonzaga.

Através da música “abre alas” ela pede passagem para a mulher. Com a literatura a mulher tenta ir além, fugir do tradicional, dando início a tentativa de ruptura do preconceito feminino:

Por volta dos anos 60, já a “imagem tradicional da mulher” está irremediável superada, na literatura em geral, como padrão a ser seguido. (O que não impede que, ao nível do Sistema Social vigente e no âmbito das famílias, ela continue sendo exigida e se tornando cada vez mais difícil de ser conservada pelas mulheres, sem questionamento). Impõe-se também na nova ficção feminina. A consciência da Palavra como agente criador do Real (que é uma das descobertas do nosso século). O amor deixa de ser tema absoluto para ceder lugar às sondagens existenciais; à metafísica; à redescoberta dos mitos; ao erotismo. (COELHO 1989, pág. 10).

A partir dos anos 60, a mulher começa a se revelar na literatura, o amor deixa de ser o tema principal, agora passa a trabalhar com novos assuntos, até chegar ao *Erotismo*. Porém foi aí em que “ela” enfrentou maior dificuldade, encarando o preconceito, ela mostrou o que sentia, o que queria e o que fazia, conforme Silva (2006, p. 22) “Foi então que começou a emancipação ou libertação do desejo das mulheres, em uma época que ainda pertencia a uma cultura em que a mulher era ainda, para a sociedade, alvo de submissão aos homens”.

Ainda segundo Silva (2006, p. 24) no campo da escrita erótica por mulheres, ainda existe certo preconceito em relação aos que estudam os fenômenos. Alguns afirmam que “a escrita da mulher não vingou na temática da sexualidade”. Por outro lado Alexandrian (1903, p. 279) observa que:

A literatura erótica feminina teve origens imprecisas e um desenvolvimento tardio. Até aqui produziu obras interessantes, algumas até cativantes, *mas não obras-primas*. Nenhuma romancista soube ainda criar o equivalente dos *Dialogues de Luisa* de Nicolas Charier, de *Juliette* de Sade ou do *Diable au corps* de Merciat. A razão está na própria natureza do erotismo das mulheres, muito menos cerebral que o dos homens. Elas podem experimentar sensações sexuais mais vivas ou mais profundas que as deles, mas são menos aptas que eles a convertê-las em idéias ou imagens.

Vemos que Alexandrian deixa claro a visão que tem em relação à escrita feminina, dizendo que embora as mulheres tenham feito algumas literaturas interessantes, diz, em poucas palavras, que ela tem pouca inteligência, pouca capacidade de escrever o que “preste” e são imaturas, que só o homem tem o dom de escrever literatura erótica. Embora tantas tentativas da ruptura desse preconceito, da voz feminina na literatura, as escritoras vem sendo discriminadas durante anos, no entanto “elas” vêm tentando um lugar neste universo, literário.

Segundo Bella Josef – (1989) esta busca de espaço na literatura, não quer dizer que a mulher queira um lugar exclusivo seu, pois o homem forma a outra parte dela, porque um sem o outro não se completa, e para ter uma visão geral do ser humano, tem que haver um lado feminino e um lado masculino.

Durante muitos anos, o que caracterizou (isso sim eu posso dizer de saída) a escrita feminina foi que as mulheres acreditaram libertar-se, tentando apagar as ambiguidades da diferença como uma inferioridade. Elas consideravam que, se escreviam diferentes, essa diferença seria uma inferioridade em relação à escrita masculina. Então, se nós estamos reivindicando essa especificidade, estamos reivindicando a libertação em relação à mulher. A diferença seria uma libertação e não a tentativa de igualar, isto é, a mulher escrever como o homem. (1989, p. 47).

Existe uma diferença na escrita feminina, em relação à escrita do masculino, e é nessa diferença que elas são consideradas inferiores a eles. Porém elas reivindicam apenas a libertação da mulher, na escrita, não com intuito de se igualar a eles, mas de ter o direito de escrever sobre o que querem. A mulher entra em cena para apresentar o “novo”, e o mundo masculino teme por isso, elas aos poucos estão vindo com toda garra. Assim como mostra Colasanti a seguir:

Temos aí o problema colocado com clareza. Na verdade, em todas as épocas e das mais variadas maneiras o mundo feminino foi apoio e espaço concretizador das idéias, crenças, conquistas ou inovações do mundo masculino...Assim, nada mais natural que agora também esteja sendo o espaço por excelência, onde o ‘novo’ se está forjando em meio a desencontros, perplexidades, acertos e desconcertos. Com a diferença de que agora um dos elementos-chave da *mudança-em-processo* é o *próprio mundo feminino*, é a própria condição-de-mulher que tenta se redescobrir e se reequacionar em sintonia com as novas forças imperantes. Como diz Marina Colasanti (1981, p.13).

Conforme Marina Colasanti, a mulher é incansável na busca de seu espaço, porém o mundo manteve as “portas” fechadas, não dando o direito a ela de se dizer, pois quando o universo feminino entra em cena procura mostrar suas idéias, crenças, conquistas ou inovações, isso até certo ponto é uma ameaça a condição familiar e social criada pelo patriarcalismo.

2 MULHER E LITERATURA: a erotografia

A mulher tudo vê, tudo sente, porém nada diz, não tinha o direito de falar o que queria, por esse motivo muitas delas procuravam fazer suas escritas em diários como já foi dito, pois era aí que escreviam todos os seus desejos mais ocultos. Percebe-se que a mulher rompeu várias barreiras até chegar a condição de hoje e também a literatura erótica, mas muitas aderem a esse contexto e se inserem no gosto do leitor.

Escritoras como a professora aposentada e contista, Dôra Limeira, paraibana da cidade de Cruz das Armas, mostram o sumo da dor. Sua prosa poética mostra o sofrimento e as frustrações sofridas pelas mulheres que se restringiam apenas a sentir sem nada dizer. De acordo com Clauder Arcanjo (2008, p. 1) A inteligência de Limeira “sempre esteve a serviço dos desvalidos, fazendo-lhes preces, narrando-lhes, a um só tempo, os seus raros prazeres”. Isso pode ser visto no conto a seguir:

Esperou muito naquele cenário à luz de velas, alcova perfumada. Mergulhou o corpo na banheira em água morna, respirou fundo e relaxou. Depois, enxugou-se em toalha de felpa, vestiu-se em camisola transparente e pôs um robe à antiga por cima da camisola. Maquiou-se, perfumou-se, e postou-se, pensativa, a esperar. O tempo passou. Meia-noite. Meia noite e meia e Mário não veio. Chorando, ela se agasalhou e se contraiu dentro da própria camisola. Uma lágrima se encaixou na primeira ruga abaixo dos olhos. Antes de dormir, tocou-se, massageou seios, coxas e vulva. Contorceu-se, gemeu e foi feliz sozinha ali mesmo, no quarto. Na sala, a última vela se apagou. Sobre a mesa, a cera quente derreteu a toalha de plástico. Mário não deu notícias. (<http://doralimeira.blogspot.com/2006>)

Dora Limeira no conto *A última vela*, mostra toda a percepção da mulher ao seu corpo, embora r espere por seu amado, isso não quer dizer que ela não possa encontrar o prazer sem o mesmo. Vê-se a mulher ao encontro de seu prazer de um modo muito singelo em que, conforme Almeida (2007), “(...) a vela que se apaga representa o fogo, o desejo feminino que é sanado pela própria mulher e acompanhado pelo orgasmo que é a cera que se derrama o que mostra toda a natureza feminina sem usar um naturalismo chocante”, ou seja, este fogo que é símbolo do desejo da mulher que é cessado quando o seu prazer chaga ao fim com o gozo (a cera da vela), então é o momento em que a vela foi apagada e a cera que se derrama sobre a vela simboliza o liquido natural do corpo feminino que é mostrado com sutileza.

Não apenas Dôra Limeira, mas nomes na literatura como Raquel de Queiroz, Cecília Meireles e Clarice Lispector se fizeram presentes, porém é a partir dos anos 60 que a liberdade do considerado pós-modernismo vai trazer um contexto mais ousado na literatura feminina e a sexualidade vem à tona de forma mais intensa, o erotismo literário.

O assunto de maior tabu era o sexo, as mulheres não tinham o prazer concebido, e nem mesmo o direito de senti-lo. No final da década de 1940, surgiu Cassandra Rios, o tema abordado por ela era o homo erotismo entre mulheres e os conflitos pelos quais passou. Sua literatura abordava temas que ainda hoje são motivos de tabu. Como se vê no trecho de *Eu Sou uma Lésbica*, folhetim escrito por Cassandra Rios e publicado na revista Status entre janeiro e abril de 1980.

"A minha boneca, o fogãozinho, as panelinhas, enfim os meus brinquedos solitários, que eu pegara para distrair-me, estavam abandonados perto do sofá da sala e eu preferia me pôr e ficar debaixo da mesa, cheirando as pernas e os pés de dona Kênia. O instinto poderoso do sexo, a força invencível da atração tomava impulso.

O que eu estava fazendo produzia em mim uma sensação embriagadora e aos poucos fui-me debruçando, aproximando-me, cada vez mais atraída, e, num impulso irresistível segurei a canela de dona Kênia com as minhas mãozinhas ao mesmo tempo em que lhe dava uma estranha e demorada lambida. [...] - Por que você lambeu a minha perna, Flávia?

Fiquei calada, dissimulada e hipócrita, sentindo o meu coraçãozinho bater forte, emocionada por estar com o rosto metido entre os seios gostos (sic) e belos de dona Kênia que me abraçava e beijava o rosto, causando-me forte e esquisita sensação. Sensação essa que parecia muito com angústia, mas não era angústia, era assim como que um prazer agoniado.

[...] Afinal o que poderia significar uma lambida na perna de uma linda mulher perfumosa dada por uma menina de sete anos?

Naquela época como não poderia causar tanto alvoroço na sociedade, uma garotinha apenas com sete aninhos de idade, já mostrando seus desejos por uma mulher, de início ela mostra toda a sua meninice, falando de seus brinquedos, com uma linguagem totalmente infantil, “A minha boneca, o fogãozinho, as panelinhas”, porém logo em seguida ela mostra a homossexualidade “a flor da pele” da menina, quando ao dizer a garotinha preferia lagar seus brinquedos (onde nesta idade são prioridades das crianças) para ficar de baixo da mesa, perto de dona Kênia, cheirando suas pernas e pés.

A literatura feminina cria assim suas várias faces: sentimental, simbólica, romântica, social, e também erótica e esses aspectos se podem vê várias autoras, entre elas Hilda Hilst, objeto de estudo nesse trabalho.

3 HILST E O CADERNO ROSA DE LORE LAMBY

A autora em questão, por ser ainda pouco conhecida popularmente, muitos pensam que não é brasileira, na verdade, segundo Arnaldo Nogueira Jr. (2008), Hilst nasceu na cidade de Jaú, interior de São Paulo, no dia 21 de Abril de 1930, e foi tida como um dos maiores nomes da literatura brasileira contemporânea. Segundo Karyne Pimenta de Moura no site <http://www.mel.ileel.ufu.br/caracterizacao/poesia.pdf>, os temas mais abordados pela a autora, não foi somente o erotismo, mas também, a vida, a morte, a fluidez do tempo, o amor e a religiosidade. Porém o nosso foco temático será erotismo.

Hilda Hilst trata de um tema tabu, mesmo hoje ainda é considerado assim, pois as pessoas não gostam muito de falar no assunto por achar obsceno. Em suas artes ela trabalha principalmente com a dificultosa realidade sexual, abordando tudo o que é de mais banal no nosso meio, mas de forma bem humorada, porém aos olhos de um leitor radical que não percebe o propósito de H.H consideram suas obras totalmente pornográficas.

Porém se o leitor for mais além, e navegar no seu mundo, perceberá que suas obras além de eróticas, trabalham os questionamentos sociológicos e existenciais, que não são características do gênero *pornografia*, pois ela usa na literatura a metapornografia, ou seja, a pornografia para discutir a própria pornografia.

Hilda publicou 41 livros dentre eles “O Caderno Rosa de Lori Lamby”, porém ela não trabalhava apenas com o erótico, mas também fazia grades obras líricas. Formou-se em direito pela Faculdade São Francisco, da USP, começou a escrever aos 20 anos com o livro de poesias, “*Presságio*”. No ano de 1997, foi publicado sua última obra “*Estar sendo Ter sido*”. No dia 04/02/2004 morre a escritora Hilda de Almeida Prado Hilst, por falência múltipla dos órgãos, aos 73 anos, em Campinas (interior de São Paulo).

Apesar de Hilda Hilst não ser tão reconhecida na academia como deveria, onde é conhecida é também reconhecida, com sua literatura contemporânea, abordando temas como o obscuro, o erótico e o pornográfico. Ainda hoje muitos a criticam, no entanto outros a admiram por ter sido tão corajosa, e transgressora e ter um trabalho (de um modo geral) totalmente à frente de seu tempo.

O caderno Rosa de Lori Lamby é um livro, na sua maior parte, apresentado na forma de um diário que conta a estória de uma garotinha de apenas oito anos, que confidencia em seu diário as aventuras sexuais com os “tios” apresentados por sua mãe na sua própria casa, onde está acontecendo crises de identidade profissional de seu pai. Vamos começar pelo título da obra “Lori Lamby”, aí Hilst faz uma provocação chamando a atenção do leitor para o significado do nome e o que ele vem representar na narrativa. Ao chegar a representação do nome podemos imaginar qual a reação da uma sociedade e dos críticos.

Lori, uma garotinha com oito aninhos de idade decide escrever em um diário, o que seria mais que natural, mas o que não seria natural é o conteúdo do caderninho que ela guarda escondido. Através de Lori com seus segredinhos observa-se o grau de pornografia e erotismo na obra, conforme cada descrição de Lori Lamby, pode provocar sensações de excitação sexual, e aí pode ser a primeira marca para considerarmos *pornografia*.

A obra começa “eu tenho oito anos e vou contar tudo do jeito que sei, por que mamãe e papai me falaram para contar do jeito que sei”. Hilst (1990, p.13). Logo de início vemos a repulsa que o livro no traz, uma menininha de oito anos de idade, Na primeira linha da primeira página já nos mostra fatos existenciais, deixando explícitas situações como a pedofilia, mas essa é apenas a primeira impressão. Em “*O caderno Rosa de Lori Lamby*”, Hilda Hilst aborda temas polêmicos, usando uma linguagem até certo ponto cômica, que por ser uma “criança” que narra a estória, ela acaba fazendo uma sátira com a sociedade e por ser de uma linguagem bastante acessível e de ser também uma linguagem infantil, acaba dando para a estória mais veracidade aos fatos.

O conceito que temos do “erótico” em se tratando de um texto é de algo que desperta o instinto sexual, portanto a obra hilstiana remete exatamente a isso, pois o relacionamento de Lori com o Abel pode ser considerado erótico. “Aí ele ficou com os olhos molhados e disse: eu também amo você, Lorinha, agora dá uma chupadinha no meu Abelzinho”.

Percebe-se que o texto é um misto de erotismo e pornografia com um propósito metalinguístico de questionar alguns tipos de produções, numa época em que o erótico na literatura era um objeto de consumo, não que isso ainda não aconteça, mas a preferência pela pornochanchada cinematográfica também se reflete na literatura.

É visível na escritura de Hilst a condição que transforma a escrita do pornográfico em ato político e transgressor e remete também o modo como a sociedade formula uma idéia de erotismo e de exercício da

sexualidade associada às construções sócio-culturais de masculino e de feminino em que o homem tudo pode dizer e sentir, enquanto à mulher, é dada a condição apenas de conhecer e nem apreciar, pois até isso é proibido para as mulheres de “vergonha” e de “família”.

Por outro lado Hilst que promovera falações por causa de sua obra provoca uma polêmica social a partir da trilogia erótica que produz sendo *O caderno Rosa* um de seus componentes. Ela abre questionamentos a partir do momento que coloca como protagonista desse erotismo uma criança como observa Luciana Borges (2006, p. 21)

Não obstante, a publicação de *O caderno rosa* causou um mal-estar extremo ao misturar, em uma mesma obra, os componentes pornografia e infância. Acusada de incentivar a pedofilia com a criação de sua protagonista, a autora amargou a incompreensão tanto da crítica, quanto de seu restrito grupo de leitores fiéis, os quais reprovaram a incursão pela pornografia e qualificaram como lixo estético o texto do *Caderno*.

Assim, a sugestão do erótico sempre volta ao pornográfico, quando o Abel declara seu amor e manda Lori lamber o abelzinho dele. Na verdade a obra tem características tanto pornográfica como eróticas, o erótico é mostrado em suas abordagens, existenciais, psicológicas no em enredo e o pornográfico em sua linguagem, pois esta é informal, direta, muito próxima da língua falada, e explicitamente obscena. Nesse contexto Patrícia H, através do blog *Literária*, coloca algumas observações como se vê a seguir:

Em “Lori Lamby”, os tópicos abordados pela autora são a relações cega entre pais e filhos, a crítica e os questionamentos aos livros que vendem, à literatura “lixo”, a dificuldade de se manter no mercado literário, o mundo fantástico das crianças, a inocência e o erotismo.

O erotismo em Hilda Hilst, não é apenas e simplesmente a enumeração de cenas e comportamentos sexuais bizarros. É um grito filosófico, sociológico, subversivo. Filosófico porque o plano das idéias supera o plano dos contatos físicos. Uma relação sexual, em Hilda, nunca é apenas sexo. Há uma trama de pensamentos, motivos, medos, traumas e sentimentos conflitantes que regem a relação.

Sociológico porque o erotismo aqui é escrito por uma mulher, quebrando o mito de que as mulheres são apenas um objeto de consumo e desejo masculino. A mulher pode, ainda que seja camuflada e protegida por cartas – “Carta de um sedutor” – manifestar e experimentar os desejos sexuais mais reprimidos. Subversivo porque suas obras – não só as eróticas – quebraram um padrão estético. Hilda não utiliza ponto, maiúscula, minúscula dentro das trilhas da norma culta. Usa a linguagem, a gramática e a ortografia, para satisfazer a sua genialidade criadora. Disponível em: < <http://letrariaa.blogspot.com/2006/04/hilda-hilst-o-erotismo-na-fogueira.html>. > Acessado em: 08 nov. 2008.

Nota-se que na prosa de *O Caderno Rosa de Lori Lamby* existe toda uma abordagem de temas que fazem com que Hilda Hilst torne-se uma escritora universal por que a pedofilia, e o homossexualismo estão muito presentes em todos os livros de hilst pós-“Lori Lamby”. A crítica embora condenasse as obras da autora, observa que ela descortinou a hipocrisia social. *O caderno* mostra muito bem a sátira, a crítica que H.H remete a sociedade que se interessa pela literatura sem qualidade, por muitas produções apenas pornográficas. Assim ela choca através da menininha que “inocentemente” revela a especulação editorial e a venda da pornografia.

(...) – Papi é um escritor – eu disse:

- É um grande escritor.
- Mas ninguém lê ele.
- É, mas agora vão ler.
- Por quê?

- Por que elevai contar uma história do jeito que o Lalau gosta.
- O senhor conhece o tio Lalau?
- Conheço sim.
- O papai briga com ele.
- Mas não vai mais brigar não. (...) (HILST, 1990, p. 29).

Lori Lamby é sim a filha do escritor, pelo fato de que ele a “pariu”, pois foi ele quem a criou, já o escritor é o porta voz de H.H ele, através de sua filha Lori lamby, se elogia, declarando que é um grande escritor, assim como Hilda também se auto avaliava como uma grande escritora. Da mesma forma que o escritor reclama o fato de que ninguém lê seus livros, por tratarem de assuntos sérios, Hilda Hilst também fazia essa mesma reclamação, dizendo que ninguém lia suas obras e que tinha que fazer essas porcarias por que a própria sociedade exigia, pois o que ela queria mesmo era que vendessem seus livros, que todos lessem, que tivesse visibilidade, assim como o pai de Lori também reclama quando o tio Lalau, editor da estória que ele está escrevendo, cobra o pai de Lori, o obrigando que ele faça porcarias para publicar. Então Hilda Hilst criou o pai de Lori, que é o seu porta voz, fazendo assim sua porcaria e o pai de Lori a criou. A partir dessa condição percebe-se na obra a metalinguagem, uma vez que temos uma obra que fala do fazer literário.

Segundo Dalton Trevisan em 07/04/2006, a publicação do Caderno de Lori Lamby, causou muito estranhamento com o público e também muita revolta, a literatura, que para Hilst era erótica, para a sociedade era pornográfica, por isso foi odiada pelo leitor. Hilst não esperava este comportamento dos leitores. *O Caderno* traz à tona os conflitos sociais de uma maneira chocante:

É só uma hora, quando é mais, a gente ganha mais dinheiro, mas não é todo mundo que tem tanto dinheiro assim pra lamber. O moço falou que quando ele voltar vai trazer umas meias furadinhas pretas pra eu botar. Eu pedi para ele trazer umas meias cor-de-rosa e se ele trazer eu disse que vou lamber o piu-piu dele bastante tempo, mesmo sem chocolate. (HILST, 1990, p. 21).

Observa-se a crítica a corrupção do homem que se vende e que é capaz de qualquer coisa pelo dinheiro. Notemos também que fica marcado o instinto humano, especialmente do homem que se aproveita da ingenuidade de uma criança, oferecendo-lhe presente, para o alcance de seu prazer físico, que são características dos pedófilos. Já o próximo trecho, mostra que esta criança que se diz ingênua, não é tão ingênua assim, o que causa um certo desconforto a sociedade, embora se perceba que Lori deixa claro a ganância, a exploração pelo dinheiro, o consumismo exagerado entre outras questões:

(...) eu ouvi mami dizer que esse verão bem que a gente podia ir pra praia, mas eu fico triste porque não vamos ter as pessoas pra eu chupar como sorvete e me lamber como gato se lambe. Por que será que ninguém descobriu pra todo mundo se lambido e todo mundo ia ficar com dinheiro pra comprar tudo o que eu vejo, e todos também iam comprar tudo, porque todo mundo só pensa em, comprar tudo. (HILST, 1990, p. 32).

A criança mostra sua esperteza, não pelo fato de ser aproveitadora, mas por estar viciada naquilo que os adultos a levaram a idealizar como bom para ela, ou seja, ela foi condicionada a vender o prazer e está viciada, porque é isso que traz pra ela a concretização dos sonhos, da compra, do alcance dos seus anseios. Quando associa o sexo, (o qual diz ser bom) ao dinheiro que ganhará, sua recompensa é porque o dinheiro tem o poder de comprar seus brinquedos e doces. Observa-se assim, que Hilst, de certa forma, desmascara uma sociedade hipócrita que finge uma moral que não existe. Muitos homens “de bem” ou assim considerados satisfazem seus fetiches as escondidas e muitos desses fetiches estão ligados ao sexo também com criança. Hoje há a denuncia e a prisão, mas o fato existe há muito tempo, porem sem haver punição. Nesse sentido a obra é também denunciadora dos doentes sexuais que usam o dinheiro que tem para comprar o prazer, muitas vezes “vendidos” de forma ingênua por crianças.

Nessa perspectiva já se observa também a prostituição infantil, crianças que, pelo fato de não poderem ter aquilo que a mídia mostra, muitas vezes, passam por cima de si mesmas. Da mesma forma que a desigualdade social traz a violência de rua também traz a prostituição de jovens e adolescentes. Para Moraes e Lapiez apud Souza (2007, p. 21) *O Caderno rosa de Lori Lamby* é pornográfico, justamente por se tratar de uma realização do ato sexual de uma criança: a pedofilia como se ver a seguir:

O Caderno Rosa de Lori Lamby inaugura a incursão de Hilda Hilst na literatura “não-séria” como suposta tentativa de conquistar visibilidade e lucro. A leitura atenta da narrativa, porém, nos mostra que tal opção nada mais é que expediente duplamente irônico: além de questionar a realidade (a relação de subserviência da produção literária às leis do mercado), empreende uma reflexão sobre o fazer literário (atitude irônica por excelência em literatura). O resultado é uma narrativa metapornográfica.

Assim fica claro que Hilda Hilst foi inserida na literatura na modalidade na condição de “não-séria”, pois a mesma começou a escrever essas “porcarias”, como dizem, com o intuito de obter somente visibilidade e lucro. O que se ignorava até pouco tempo é que, através da literatura escachada e cômica há uma revelação de indignação para com os trâmites editoriais e uma inserção transgressora de uma literatura escrita por mulher que coloca o dedo nas feridas sociais e desmascara a autoridade e falsa moral dos “certinhos” da sociedade.

Fala-se também do principal questionamento da obra, que é justamente o fato de Lori Lamby escrever pornografia para ajudar o pai, então, no caso, Lori ajudava ao pai a atender às exigências do seu editor (tio Lalau), e o pai de Lori ajuda a Hilst a atender às exigências da sociedade com *O Caderno Rosa de Lori Lamby*:

Lori Lamby, como o pai e como Hilda Hilst, é também uma escritora. Não é uma prostituta. LL é, acredito, o ângulo pelo qual HH quis fotografar o problema da literatura em relação à falsa dicotomia entre corpo e alma e à verdadeira dicotomia entre o respeito ao nosso corpo/alma e a banalidade, a barbárie, a “bandalheira”. Um livro como “O caderno rosa de Lori Lamby”, por isso mesmo, não pode ser a favor da exploração sexual de crianças e adolescentes, porque o que é pedido em sua literatura é a elevação do homem de animal oco para animal espiritual. Disponível em: <http://pormaisleitura.blogspot.com/2007/05>

Como já percebemos, o escritor sofre muito para alcançar seu objetivo (lucro e visibilidade), portanto ao escrever o livro *O Caderno Rosa de Lori Lamby*, Hilda Hilst não quis fazer uma apologia à prostituição infantil, mas usou a liberdade de expressão da mulher que “ainda está em processo de alcance”, tentando uma forma denunciar os problemas sociais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A referida obra além de ser um marco na obra de Hilda Hilst, é também uma espécie de válvula de escape, através da qual, a autora coloca a sua crítica à mídia, a hipocrisia social, a falta de escrúpulos que esta tem diante dos olhos das pessoas. Hilst mexe na ferida da falsa moral social, além de trazer à tona problemas que só serão vistos e provavelmente corrigidos através do “tratamento de Choque” como é o caso da obra em questão. Observa-se que a autora queria se promover literariamente e mais que isso, questionar porque sua literatura não era vista quando o mercado estava cheio de lixo literário. Assim, ela procura um meio de chamar a atenção da crítica e da sociedade em geral. Sua defesa era pela liberdade de criação e contra o engessamento das potencialidades inventivas do artista.

REFERÊNCIAS E BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

- BORGES, Luciana. **Sobre a obscenidade inocente**: O caderno rosa de Lori Lamby, de Hilda Hilst. OPSIS - Revista do NIESC, v. 6, 2006
- COELHO, Nelly Novaes. Tendências atuais da literatura feminina no Brasil. In: COELHO, Nelly Novaes (Org). **Feminino singular**. Ed - GRD SP 1986.
- COLASSANTE, Marina. Mulher daqui para frente. Rj, Nórdica, 1981. In: COELHO, Nelly Novaes (Org). **A literatura Feminina no Brasil Contemporânea**. Ed - siciliano SP 1993.
- H. Patrícia. **Hilda Hilst - O erotismo na fogueira**. Disponível em: < <http://letrariaa.blogspot.com/2006/04/hilda-hilst-o-erotismo-na-fogueira.html>>. Acessado em: 08 nov. 2008.
- HILDA HILST. O Caderno Rosa de Lori Lamby, 2 ed. São Paulo: Globo, 2005.
- JOZEF, Bella. A Mulher e o Processo Criador (a máscara e o enigma). In: COELHO, Nelly Novaes (Org). **Feminino Singular**. Ed - GRD SP 1986
- LIMEIRA, Dora. Disponível em: <http://doralimeira.blogspot.com/2008_01_01_archive.html>. Acesso em: 18 jan. 2008.
- MEDINA, Cremilda de Araújo. Os anos 60 e a revelação feminina. In: COELHO, Nelly Novaes (Org.). **Feminino Singular**. Rio de Janeiro: GRD DP, 1986.
- MOURA, Karyne Pimenta. **Poesia**. Disponível em: < <http://www.mel.ileel.ufu.br/caracterizacao/poesia.pdf>>. Acessado em: 13 nov. 2008.
- SANTIAGO, Alan, Et all **Em defesa do "Caderno rosa de Lori Lamby**. Disponível em: <<http://pormaisleitura.blogspot.com/2007/05/em-defesa-do-caderno-rosa-de-lori-lamby.html>>. Acessado em: 13 nov. 2008.
- SILVA, Antonio de Pádua Dias da. **Representação de Gênero e de Sexualidade**: Inventário diversificados. João Pessoa-PE: Universitário, 2006.
- SOUZA, Raquel Cristina, **A narrativa posta a nu em Caderno Rosa de Lori Lamby**. Rio de Janeiro: II Simpósio de Literatura Contemporânea, 2007. Disponível em: <<http://www.ciencialit.letras.ufrj.br/gcanacesar/trabalhos/simposio2raquelcristinade.html>> Acesso em: 08 nov. 2008.
- STYCER, Mauricio. **Hilda Hilst. Folha de São Paulo**, São Paulo, 1997.
- STYCER, Mauricio. **O caderno Rosa de Lori Lamby / Hilda Hilst**, 2 ed. – São Paulo: Globo, 2005. Disponível em: <<http://www.hildahilst.com.br/separata.php?id=33&categoria=10>> . Acessado em: 13 nov. 2008.